

Capítulo 5

Conjugalidade Homoafetiva: construção e possíveis sentimentos

Marlei Teresinha Rigo Bonissoni
Helena Centeno Hintz

Desde os primórdios da humanidade, o homem busca viver em grupos, precisa sentir-se pertencente a alguém e anseia por aconchego, companhia e proteção. Assim está em permanente evolução e crescimento, e, portanto, em constante modificação. Mudanças são aceitas e especialmente necessárias, mas para que isso ocorra de forma saudável, precisamos referências e parâmetros estáveis. Quando as pessoas se atrevem a desafiar e confrontar o modelo pronto, passam pelo crivo da discriminação e colocam em “xeque” o que era vivido como verdade permanente. É neste ponto que as pessoas que amam parceiros do mesmo sexo sofrem e enfrentam muitas pressões e objeções (ANTON, 2012). Portanto, os precursores de novos paradigmas precisam ter coragem, porque ainda não há garantia de que é assim, desse jeito novo, que pode ser feito Vasconcelos (2002 Apud ANTON, 2012).

As abordagens referentes às novas famílias formadas por homossexuais vêm influenciando a marcha de transformações estabelecidas pela sociedade, no que diz respeito à sexualidade, ao amor e ao casamento. Isso contribui para um maior acolhimento da conjugalidade homossexual, como também auxilia na formação de uma sociedade diversificada quanto à demonstração do amor e do desejo sexual (SILVA, 2011). A sexualidade, bem como as relações afetivas e sexuais entre pessoas do



mesmo sexo, segundo Farias (2010), foi criada e arquitetada de maneira diferente em cada sociedade, levando-se em consideração o momento histórico, os valores e os costumes vigentes em cada civilização.

As uniões homoafetivas ainda estão sendo alvo de discriminação, muito embora, lentamente, têm tido um respaldo público maior em função dos movimentos organizados por grupos de *gays* e lésbicas. Para Castañeda (2007 Apud FARIAS, 2010), está aumentando a aceitação social do casal homossexual na sociedade, porém, não da homossexualidade. Ela está sendo tolerada, desde que passe a ser adotado pelos casais homoafetivos o mesmo modelo ideal vigente do casal heterossexual, ou seja, estável, comportado e monogâmico.

Mas, o que atrai as pessoas amorosa e sexualmente? Que sentimentos são acionados, evocados e vivenciados? Por que em alguns casais o ciúme se manifesta e transforma o amor? O que motiva a escolha dos parceiros? Por que algumas pessoas são atraentes para uns e não para outros? Por que uns se aproximam ou se distanciam? O que leva os relacionamentos a tomar um caminho ou outro e de que forma um casal escolhe seu modelo de relação e define seus papéis? Através desse questionamento, é possível entender como forma-se a química pela qual as pessoas se atraem e envolvem-se, e a partir daí, como os contratos são estabelecidos e as regras básicas de uma união são definidas (ANTON, 2012).

Breve história dos casais¹

Participaram deste estudo dois casais homoafetivos que coabitam há um ano e meio; um casal é composto por homens, e o outro, por mulheres, com idades entre 24 e 35 anos, moradores na Grande Porto Alegre/RS, que desempenham múltiplos papéis em seu cotidiano. Esses casais foram atendidos em uma clínica de terapia de casal e família de

1 A partir dos termos das Resoluções 196/97 e 251/97 do Conselho Nacional da Saúde, a família consentiu sua participação no estudo de caso conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



Porto Alegre, em coterapia, semanalmente, por aproximadamente oito meses. Foi levado em consideração, as orientações do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), o qual referênciava o papel do psicólogo como pesquisador, em viabilizar o caráter voluntário dos envolvidos através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este determina o anonimato das pessoas. Usaremos, portanto neste estudo, nomes fictícios para identificação dos casais participantes. A partir dos termos das Resoluções 196/97 e 251/97 do Conselho Nacional da Saúde, solicitou-se aos casais o consentimento para participarem da pesquisa.

Casal Theo e Alan

Theo e Alan conheceram-se há aproximadamente um ano e meio e a partir do terceiro mês de namoro passaram a coabitar na casa de Alan, localizada no terreno em que mora sua tia. Os dois possuem a mesma profissão, são sócios e trabalham no mesmo local, passando a maior parte do tempo juntos.

Theo teve uma vida amorosa bem complicada, envolveu-se com parceiros inadequados, sofreu muito, e, atualmente, está na sua terceira união. Theo possui um irmão gêmeo que também é homossexual, uma irmã casada que, juntamente com seus pais, mora em outra cidade.

Alan tem um vínculo muito forte com sua mãe, que se tornou sua confidente, envolvendo-se em todas as situações do dia-a-dia, mas também se relaciona bem com o pai. Seu primeiro relacionamento foi com uma menina, com a qual permaneceu por seis anos, inclusive noivou com ela. Depois, teve um relacionamento homoafetivo por cinco anos, e agora está com Theo, sua terceira relação.

Alan é um rapaz romântico, sensível, emotivo, magoa-se facilmente, muito ciumento, controlador, e está sempre disposto a discutir a relação. Theo, por sua vez, é mais prático, direto, racional, e assume mais a responsabilidade com a questão financeira do casal.



Casal Malu e Luiza

Malu e Luiza conheceram-se há um ano e quatro meses por intermédio da irmã de Luiza. Na mesma noite ficaram juntas e após três meses já moravam na mesma casa, que se localiza nos fundos da casa dos pais de Luiza. Nesta época, as duas trabalhavam, mas por insistência de Malu, Luiza parou de trabalhar e hoje depende financeiramente de Malu. Com o passar do tempo Luiza foi abrindo mão do que gosta e considera importante, por insistência de Malu, como frequentar o Karaoke, a casa de religião, e também o convívio com seus amigos. Luiza refere que Malu é muito ciumenta e controladora e sente-se sufocada por ela. Malu concorda, mas diz sentir-se muito insegura e incomodada pelo jeito de ser de Luiza, por ela ser extrovertida e conversar com todo mundo. Se dependesse de Malu, Luiza não trabalharia mais e ficaria junto dela o tempo todo. Considera ser muito difícil fazer as coisas sem a presença da Luiza, não sente graça.

Luiza é muito ligada à sua família de origem e tem uma admiração especial pelo seu pai. Sua família é bastante liberal, com barreiras frágeis entre o individual e o coletivo. Luiza mostra-se muito independente, “solta”, dona de si, com boa autoestima, alegre, comunicativa, mas por outro lado, não consegue desprender-se de sua família de origem, como também não consegue impor-se diante dos desmandos de Malu, submetendo-se a eles, mesmo contra sua vontade.

Malu parece não se importar muito com sua família de origem, tem boa relação com sua mãe, mas não gosta de seu padrasto. Tem um irmão mais velho e uma irmã gêmea, com a qual tem bom vínculo afetivo. Ela e seus irmãos foram abandonados pelo pai quando ainda eram muito pequenos e sempre que lembra ou fala sobre esse fato emociona-se muito. Algumas vezes foram visitar o pai, mas em uma ocasião ele logo as levou de volta, “devolvendo-as” para a mãe. Malu na época tinha aproximadamente cinco anos, e além desse fato, não tem muitas lembranças de sua infância.

Malu é insegura, carente, ciumenta e muito controladora, o que a faz sofrer muito. Não se preocupa consigo, mas intensamente com o



outro, que no caso é Luiza, fazendo tudo por ela, do jeito que ela gosta, onde o único objetivo é fazê-la feliz; porém, quando Luiza não corresponde, Malu fica muito frustrada.

Aspectos contemporâneos: ciúme e relacionamento afetivo

As pessoas possuem fantasias e expectativas que compõem a vida amorosa e sexual, e essas passam a interferir, consciente ou inconsciente, em suas escolhas futuras. Nascermos e crescermos em algum tipo de família e as vivências e experiências obtidas nela nos marcarão para sempre e influenciarão a forma como iremos nos relacionar, pois a convivência é o maior desafio que enfrentamos durante a vida (GROISMAN, 2011). Muitas vezes, interromper relações familiares ou amorosas pode ser visto como uma libertação da proteção, visando o crescimento pessoal e emocional. Porém, nem sempre é assim. Romper o “contrato” pode significar, inconscientemente, o abandono de sua parte “ruim” que foi projetada no outro (ANTON, 2012).

Quando ocorre o encontro entre duas pessoas, o *quid pro quo* da relação se determina, ou seja, cada parceiro espera e recebe do outro algo em troca do que ofereceu, estabelecendo os papéis, direitos e deveres de cada um, e acordando como um será em relação ao outro no casamento (WALSH, 2002).

É importante assinalar que a constituição da união e o estabelecimento de regras e papéis da relação não iniciam do zero, mas sim, com o que cada um tem atrás de si: uma constelação familiar e um conjunto de arranjos e combinações, bem como um sistema de crenças e expectativas sobre o casamento, influenciadas pela cultura (GROISMAN, 2011). Esse sistema de crenças e valores é considerado como a base do *quid pro quo* conjugal, pois se encontra intrincado nos relacionamentos, bem como na forma como cada um exerce seu papel e alicerça a relação (WALSH, 2002).

A maneira como interagimos e percebemos os membros da família durante a nossa vida interferem diretamente nas percepções sobre

o relacionamento conjugal. Essas percepções podem mudar em função de novas informações e vivências; é um processo difícil e, provavelmente, essas características particulares vão se cristalizando durante a vida do indivíduo (DATTÍLIO, 2011).

Luiza tem um relacionamento muito entrelaçado com sua família de origem, o qual não possui limites bem definidos. A ligação com seu pai é atualmente muito forte, mas durante sua infância ele foi mais ausente, pois trabalhava. O pai era mais austero e sua mãe, depressiva, e em função disso, com nove anos já cuidava de sua mãe durante o dia. Seus pais brigavam muito, ele teve relações extraconjugais e por alguns períodos viveram separados. Hoje estão juntos e Luiza está emocionalmente muito dependente de seu pai, não consegue dizer não para ele, nem o contrariar, mesmo quando não concorda com sua opinião, tendo uma necessidade muito grande de estar junto deles.

Malu, por sua vez, vivenciou um distanciamento afetivo de sua família de origem, é mais independente, porém apresenta uma carência e uma insegurança afetiva muito forte, e associa isto ao fato do pai tê-la abandonado quando ainda era pequena. A mãe logo se envolveu com um namorado que Malu não gosta, que mora com a mãe há 15 anos. A mãe sustenta o companheiro e Malu não aprova, considera-o um aproveitador.

O casal, logo que inicia o relacionamento, o vivencia como se fosse uma quimera, e no decorrer desse convívio alguns aspectos vão se fortalecendo e se concretizando e outros sendo descartados e destruídos. Dessa maneira, cada cônjuge conserva vivo o centro de energia que institui relação com o amor e a paixão (FUKS, 2007). Entretanto, se nesse processo o casal passa do sentimento de amor ao de fúria e transforma a ternura em intimidação e controle, surge um núcleo de ciúme no qual confluem pensamentos, crenças, sentimentos e reações contraditórias.

Geralmente quando a experiência do ciúme surge na relação é sem aviso; ela aparece em uma dada situação através de comporta-



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

mentos de uma das pessoas que ativa na outra a insegurança e o medo da traição. Isso gera um retraimento ou uma reação desafiante no outro. O retraimento intensifica as suspeitas na pessoa ciumenta, e acaba por estabelecer um padrão relacional em que um persegue e o outro se sente perseguido. O cônjuge ciumento adota uma atitude de desconfiança e vigilância e o outro, atitudes de reserva e ressentimento (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

A harmonia e a coesão são aspectos importantes para que os casais consigam desenvolver na relação amorosa seus próprios recursos, visando não se anular, como também não sobrecarregar o cônjuge, e encontrar o equilíbrio da proximidade, bem como o respeito ao distanciamento e às diferenças individuais. Dessa maneira o casal conseguirá proteger a integridade da relação e evitar a ruptura do vínculo (WALSH, 2002).

Essa coesão não foi evidenciada nos dois casais homoafetivos, mas sim, um processo fusional intenso onde o individual não tinha espaço na relação, onde tudo tinha que ser feito junto, evidenciando uma intolerância com o diferente do outro e uma necessidade de controle por um dos parceiros. Consequentemente, o outro se sentia sufocado e enredado na relação. Em algumas situações parecia que os membros do casal deveriam ser um só, como se sozinhos fossem partes, e precisavam sobrepor-se para se constituírem. Porém, nesse processo eles perdiam a diferenciação e a individuação.

Bauman (2004) fala de duas perversões amorosas: uma, mostra possessividade com características de autocontrole onde o amor é respeitoso e os parceiros são aceitos como realmente são e usufruem do amor existente entre eles; e a outra, evidencia um amor de posse sem receios, uma constante luta de querer mudar o outro para que cada vez mais o casal seja dependente, desencadeando um relacionamento conturbado de amor e raiva. Nesta perversão há um desejo insano de tornar o outro uma parte de si, com os mesmos anseios e necessidades, como uma garantia de que não haja perda, pois se encontram fundidos num único ser.



Vínculos e ciúme na conjugalidade

O ser humano, desde o nascimento forma vínculos, e estes são fundamentais para o desenvolvimento da personalidade, confirmando a máxima de que o indivíduo se constitui sempre a partir de outro ser. Vínculo pode ser definido como união, apego, tudo que une com características duradouras, bem como uma ligação entre as partes, unidas e inseparáveis, embora delimitadas entre si (ZIMERMAN, 2010).

Dattílio (2011) diz que dificuldades vivenciadas no início da vida referentes à insegurança podem afetar como os indivíduos vão conseguir demonstrar respeito, gratidão e admiração ao parceiro. A direção do apego pode interferir no progresso da intimidade, tanto nos relacionamentos, como também no compromisso e na tolerância. Complementando, Guerreschi (2007) fala que essas dificuldades podem evoluir para um processo de dependência afetiva, em que a inconstância ou a precariedade das continuações relacionais tradicionais como família e casamento tende a eleger estilos de apego ambivalentes ou conflitivos, assim como a beneficiar a instauração de laços afetivos frágeis e inconstantes.

Indivíduos que experimentaram apego mal adaptativo durante sua infância podem demonstrar sinais como vigilância intensa e ansiedade crônica, direcionado às pessoas que gosta, bem como tristeza e depressão. São pessoas que tendem a ter apego exagerado nos relacionamentos, como também apresentam comportamentos possessivos ou controladores, e utilizam o ciúme geralmente para evitar o abandono. Nessa situação há também o sentimento de subjugação, no qual o indivíduo acredita que será abandonado pelo parceiro se não fizer o que ele quer, juntamente com um senso de renúncia de si em função do outro. O sentimento de abandono está também, frequentemente associado ao esquema de dependência/independência, no qual o indivíduo acredita que não será capaz de existir sozinho, caso for deixado por seu parceiro (DATÍLIO, 2011). A pessoa afetivamente dependente necessita da presença do outro em doses cada vez maiores, pois ela só existe em função do outro e precisa de manifestações constantes, contínuas e



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

tangíveis do outro. O parceiro do dependente afetivo é percebido por este como uma renúncia de si mesmo, como a única forma de reconhecimento de vida e como um alimento indispensável, em que só importa o tempo que passam juntos. Assim, o dependente afetivo atesta a sua existência, mas também revela um baixo grau de autoestima, um grande risco de perda do eu, da falta de crítica própria e também da crítica do outro. A dependência é vivenciada como uma experiência especial e nada é tão mais satisfatório aos olhos do dependente afetivo (GUERRESCHI, 2007).

Malu é muito vulnerável e frágil ao abandono, sufocando sua parceira com muito controle e ciúmes. Esse sentimento é tão desesperador que Malu chega a ligar para o celular de Luiza quando esta permanece mais tempo no banheiro de casa. Alan também demonstra muita insegurança com relação ao Theo, exercendo controle e tendo fortes crises de ciúmes, no simples fato de imaginar que Theo esteja olhando para alguém, e por outro lado, cria situações para que Theo sinta ciúmes dele. O controle torna-se uma invasão na privacidade do outro, sendo que Alan verifica o celular de Theo, e também estabelece um cronograma de tempo entre uma ação e outra para ver se a explicação dada faz sentido e é coerente.

A pessoa ciumenta tem necessidade de mostrar-se superior, e assim passa a ser uma observadora minuciosa e desesperada, em constante estado de alerta. Esse comportamento acaba representando para si e para o outro uma sobrecarga emocional, e paradoxalmente, vai afastando todos de sua convivência (MIELNIK, 1920). O parceiro que sente ciúme apresenta uma vivência com ideias intrusivas e temores, compulsão e associações irracionais, enquanto o outro se sente importante e amado, mas também controlado e asfixiado (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

A fragilidade dos vínculos humanos é evidenciada através da ambivalência do desejo de prender o outro, mas deixando os laços frouxos (BAUMAN, 2004). Pode-se dizer que esse sentimento pertence a todos os seres humanos, mesmo que com intensidades diferentes, uma vez



que manifestamos a vontade de estar junto e ter liberdade, mas também, o medo de ficar emaranhado, distante e desamparado (ANTON, 2012). Nesse sentido, a pessoa ciumenta designa muita energia vital para acabar com os pensamentos ambíguos, e guarda pouca energia para outros aspectos de sua vida pessoal. Vincula-se com tanto desespero ao outro, que tem dificuldade para exercer sua própria liberdade e autodeterminação (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

Já os cônjuges dependentes afetivamente evitam o perigo proveniente de mudanças, solicitam a absoluta e constante dedicação do outro, geralmente não se sentem verdadeiramente íntimos, e seu amor é inibido, parasitário e obsessivo. A estagnação apresenta-se como a característica de todas as suas relações e a ameaça de qualquer mudança sufoca o desenvolvimento de suas capacidades individuais, suprime todo o desejo e reforça a obsessão por necessidades impossíveis e expectativas não realistas; nutre o pensamento de que se agirem em favor do companheiro suas relações afetivas estarão seguras. Paradoxalmente, dependência e medo destinam-se à destruição do amor (GUERRESCHI, 2007). Por outro lado, o relacionamento amoroso entre adultos, encontra dois parceiros numa situação de igualdade de condições, que eventualmente, podem sentir-se ameaçados, assustados e magoados, precisando de apoio, conforto e proteção, necessidade está muito diferente da vivenciada na relação mãe-bebê. (SCHACHNER; SHAVER; MIKULINCER, 2012). Sentimentos como amor, apego e amizade passam a ser reconhecidos e validados no decorrer da história da humanidade (ANTON, 2012).

Ciúme: um padrão relacional recíproco

Ciúme é uma emoção muito poderosa que a maioria das pessoas em algum momento já experimentou. O ciúme pode ser sentido de uma forma mais branda, quando o indivíduo percebe uma ameaça significativa para sua relação. Se for sentido de uma forma muito duradoura, com uma sensação de ser consumido por ele e ainda ter um poder destruidor da relação, este ciúme adquire uma forma patológica. Os indivíduos diferem quanto à percepção desta emoção, baseando-se em vivências



do passado, autoconfiança e sentimentos de autoestima. Dependendo do grau de ciúme, pode haver sérias implicações interpessoais. Situações de ciúme acirrado levam a ambos os parceiros a ficarem presos, sem saída, isto é, o parceiro ciumento fica em situação de não vitória, o parceiro não ciumento também se encontra em situação semelhante, sem vitória, uma vez que a retenção de informações conduz a mais desconfiança e a divulgação de informações exacerbam mais ciúme. O ciumento pode ficar em posição cada vez mais inferior e o não ciumento pode se tornar mais empoderado, um mais desvalorizado e outro supervalorizado (IM; WILNER; BREIT, 1983). Um aspecto relacional intrigante no ciúme é a maneira como o casal troca de posições nesse cenário, sendo que o parceiro inicialmente ciumento pode ser em outro momento, o que trai. Em alguns casais isto se dá durante a relação atual, enquanto que em outros, acontece em outras relações, com outro cônjuge (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

A conceituação sistêmica não se opõe ao ciúme como um traço intrapessoal, entretanto muda o foco de um modelo puramente intrapsíquico para um interpessoal, enfatizando a questão relacional. Isso implica que qualquer um dos parceiros pode provocar uma mudança, podendo interromper e resolver o ciúme no relacionamento.

O ciúme perpassando o relacionamento conjugal

A fim de se constituírem como um casal, os cônjuges precisam estabelecer limites a essa relação, que é o que vai diferenciá-la das demais. Para isso é necessário adotar normas sociais e culturais e definir parâmetros que serão exclusivos desse casal, bem como o significado de fidelidade para ambos. Quando essas definições de limites não forem claras, objetivas e equivalentes, provavelmente o ciúme terá um terreno fértil para surgir (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

O relacionamento conjugal agrega expectativas em satisfazer privações primitivas que ressurgem com a esperança de resolução através da interação com o parceiro tornando o casamento um fenômeno muito complexo, onde é depositado no cônjuge e no relacionamento a



possibilidade e a responsabilidade de resolver necessidades individuais (SCRIBEL; SANA; DI BENEDETTO, 2007). Em muitas situações a pessoa ciumenta é vulnerável a raiz de infidelidades em relacionamentos anteriores, como também pode haver um legado de traições percebidas em sua família de origem. Pode não haver uma traição real, mas quando um cônjuge está distraído ou pensativo, o outro, ciumento, percebe que alguma coisa não está bem, que não encaixa, e isso o desestabiliza. Outra situação é quando o cônjuge ciumento é quem está traindo, e preocupado com suas próprias fantasias e culpa, projeta seus sentimentos, ações e desejos no outro cônjuge, e reage a essas projeções como se fossem reais. Os temores e inseguranças relacionadas ao ciúme podem permanecer latentes até que uma situação ou relação específica ative as vulnerabilidades do indivíduo (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

Atualmente, as relações amorosas não estão sendo consideradas como plenas e satisfatórias, uma vez que concentramos a busca destas satisfações na própria relação. E quando são satisfatórias, acabam cobrando um preço pessoal e relacional muito alto (BAUMAN, 2004). Entretanto, as relações amorosas oportunizam e incrementam um potencial fundamental para o desenvolvimento pessoal, constituindo-se o casamento, numa oportunidade para promoção da autonomia, da maturidade e da harmonia e equilíbrio do casal. Quando isso ocorre, os cônjuges desenvolvem relacionamentos amorosos adaptativos. Porém quando o casal estabelece relacionamentos mal adaptativos, intensificam-se os conflitos e afloram os desejos primitivos não satisfeitos. Essas vivências é que estabelecerão a formação do padrão interacional característico do casal, o qual acionará os esquemas precoces de cada cônjuge, e a partir daí, estabelecerão o seu funcionamento peculiar (SCRIBEL; SANA; DI BENEDETTO, 2007).

A partir da relação amorosa estabelecida entre um casal pode surgir crença de que um parceiro pode apossar-se do outro e esse sentimento de posse ser entendido como prazeroso. Normalmente essa situação encontra-se intimamente ligada ao sentimento de ciúme, existindo o fantasma da ameaça da perda do parceiro, que representa seu objeto de amor valioso. A ameaça de não ter mais o amor do outro, deixa o



ciumento totalmente desestruturado emocionalmente, importando-se mais com o que acredita que ocorreu do que com o fato em si. Assim, é possível assegurar que a pessoa ciumenta desenvolve fantasias que por sua vez passam a representar a realidade, e ideias obsessivas permeadas por angústia, dor e sofrimento tornam-se um martírio constante (SOUZA; OLIVEIRA, 2012). Não necessariamente o objeto de ciúme envolve uma pessoa, mas sim, uma situação que estabelece certo distanciamento, e é vivenciada como ameaça a exclusividade e prioridade do vínculo amoroso. Qualquer interesse que toma o tempo do outro, como estudo, trabalho, internet, etc., pode desencadear sentimentos de exclusão e ser usado como gatilho para estimular um padrão reativo entre os cônjuges. Estas situações, em princípio, envolvem uma combinação de realidade e projeções (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

O desejo de estabelecer uma relação estreita pode ser reforçado pelo sentimento de perda ou de solidão, porém esse desejo de complementação impede que o indivíduo perceba as diferenças do cônjuge, e isso, inevitavelmente, aparecerá no decorrer do relacionamento. Para Carter e McGoldrick (1995), é surpreendente o pouco tempo que os casais dedicam para refletir sobre a decisão de casar.

A diferenciação, de acordo com Schnarch (1998 apud ANDOLFI, 2002), passa a ser um litígio tão longo quanto à vida da pessoa, por meio da qual o indivíduo vivencia o saber de ser único, relacionando-se com as pessoas que ama. Quanto mais conseguirmos nos diferenciar, mais forte será a nossa identidade e integridade na resolução de conflitos com o parceiro, e maior será a tolerância quanto à intimidade com quem amamos, sem a preocupação e medo de dissipar o sentido de ser enquanto indivíduos.

Porém, se o grau de indiferenciação for intenso, menor será o espaço destinado a cada um fora da relação e maior será a exigência da presença do outro, visando garantir o próprio funcionamento em níveis aceitáveis. Quanto maior a dependência menor será a tolerância de cada um em relação à diversidade do outro, e maior também será a ansiedade quando surgirem diferenças inevitáveis (LORIEDO; STROM, 2002).



A organização do sistema conjugal depende do equilíbrio de poder entre o casal para manter uma complementaridade diante das obrigações e compartilhar um sentido de igualdade e de liderança. Entretanto, quando o casal prioriza a autoridade de um sobre o outro, acarreta um desequilíbrio desse poder e passa a substituir a complementaridade pela disfuncionalidade. Sintomas como depressão, fadiga e diminuição do desejo sexual demonstram a insatisfação dos cônjuges quando esse desequilíbrio persistir (WALSH, 2002). Frequentemente, casais contemporâneos constroem um padrão de relações amorosas baseado na disputa pelo controle da relação, onde cada um luta por seus próprios interesses, sem conseguir efetivamente se comunicar com o outro, ao invés de priorizarem um encontro recíproco que os retroalimente de forma positiva e saudável (MILLER, 1995).

Casais podem apresentar-se disfuncionais quanto à labilidade do objeto de amor, e isso gerar conflitos com os aspectos da personalidade e com fatores de vulnerabilidade originados em vivências traumáticas. A dependência afetiva ou “intoxicação psicológica” origina-se das necessidades que não foram satisfeitas na infância e quando isso ocorre, as crianças podem adaptar-se através da limitação de suas expectativas, gerando dificuldades na formação da autoestima. Quando adultos esses dependentes verem no outro a cura para suas dores psíquicas, experimentarão sentimentos de rejeição e falta de confiança, e, conseqüentemente, não se sentirão dignos de receber amor (GUERRESCHI, 2007).

A confiança possui valor essencial nos relacionamentos amorosos contemporâneos, pois é ela que permite aos sujeitos sentirem-se protegidos para o envolvimento numa relação que não é mais predeterminada pelas obrigações tradicionais. O sentimento de confiança torna o indivíduo menos vulnerável e temeroso diante da possibilidade constante de dissolução da relação amorosa e, mais seguro e responsável pela manutenção da mesma (GIDDENS, 2002). Para alguns indivíduos, essa convicção pode representar uma cobrança demasiada, tornando-os mais hesitantes do que liberados para viver uma intimidade amorosa enriquecedora (BAUMAN, 2004).



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

Casais quando estão em crise, muitas vezes são reforçados pelo sentimento de imutabilidade e irreversibilidade da relação conjugal através do silêncio e do círculo protetor construído por seus familiares e amigos. Essa rede de apoio somente passa a declarar que a relação do casal estava em crise, no momento em que estes passam a tomar o caminho de um rompimento definitivo (ANDOLFI, 2002). Por outro lado, num relacionamento estável e contínuo, onde um se importa com o outro, o desejo é mútuo, os parceiros se abrigam, se escutam e se nutrem, há a possibilidade da construção de um “nós” consistente e afetuoso, sem ameaçar a individualidade de cada um (ANTON, 2012).

A conjugalidade é o resultado da transformação do objeto casal de cada parceiro em “objeto casal” compartilhado. Os pilares da conjugalidade apresentam dois paradoxos: o primeiro diz respeito à escolha versus o pertencimento, anexado às possibilidades do sujeito em elaborar a sua maneira particular de pertencer aos vínculos e definir sua inserção no contexto social e nas instituições como a família e o casamento. Já o segundo, refere-se à dupla fusão-separação e consiste no fato de que, por um lado, a fusão ajuda a diminuir a distância entre os dois “eus”, criando o vínculo conjugal por meio do elemento passional e, por outro, a existência do vínculo provoca um distanciamento mínimo entre os sujeitos, preservando a individualidade (FÉRES CARNEIRO, 2010). A escolha do cônjuge passa a ser uma questão complexa uma vez que frequentemente o que é percebido quando as pessoas tornam-se atraentes é o superficial, o consciente, e não os motivos ocultos (ANTON, 2012).

Casais homoafetivos, suas famílias e o ciúme

A família, por funcionar como um princípio de construção do mundo social é um valor que requer preservação e é constituída através da união, da integração, da estabilidade, da constância e da unidade, considerada como a categoria social mais natural. A literatura e os discursos da militância homossexual abrem discussões sobre pertinência, significado e consequências de se ambicionar formar legalmente uma família homoafetiva. Isto pode ser entendido por alguns como uma submissão ao padrão familiar heterossexual ou, por outros, como um



reconhecimento e valorização de relações afetivas existentes e que se encontram marginalizadas pela sociedade (UZIEL et. al., 2006).

As expectativas de casais e famílias homoafetivas a respeito do casamento e da vida em família, geralmente não são sequer referidas antes de o casal passar a viver junto. Percepções desconexas entre os cônjuges muitas vezes só surgem quando as expectativas de um ou do outro já foram frustradas, o que pode ser uma experiência muito dolorosa. Essa dificuldade permeia todo o vínculo conjugal e familiar (FRANÇA, 2009).

O contexto familiar dos parceiros homoafetivos que vivem uma relação amorosa pode interferir na convivência do casal. Resultado de estudos revela que para a maioria dos sujeitos o apoio familiar afeta o relacionamento do casal, tanto no sentido de fortalecê-lo, quanto de fragilizá-lo. Conflitos no casal podem ser ativados pelo comportamento e expectativas da família de origem, onde um, ou cada um dos cônjuges trava uma batalha com a família de origem do parceiro. Esse conflito tende a se perpetuar, principalmente quando há uma convivência muito próxima com a família de origem, com o cotidiano, e também com os conflitos multigeracionais derivados daí (LORIEDO; STROM, 2002).

Malu sente muito ciúmes de Luiza com sua família de origem, principalmente com relação ao pai. Tenta boicotar as visitas de Luiza, e quando ela vai mesmo assim, Malu sente-se preterida, como se Luiza não pudesse gostar, concomitantemente, dela e da sua família. Theo e Alan também referem um sentimento de incômodo com relação às famílias de origem de cada um. Theo diz que Alan é muito dependente da mãe, e que ela dá palpite em tudo a pedido dele, que ele não consegue resolver nada sozinho. Alan, por sua vez, reclama da relação que Theo tem com seu irmão gêmeo, e acha que Theo faz tudo que seu irmão sugere, não tendo opinião própria.

A integração de casais homoafetivos junto à família precisa ser criada, uma vez que não há modelos culturais, normas ou rituais estabelecidos. Estes casais precisam inventar seus próprios “rituais de per-



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

tencimento” que serão utilizados para fortalecer e validar a percepção e o sentimento de ser membro da família (FÉRES- CARNEIRO, 2010).

As relações homoafetivas são entendidas a partir de vínculos baseados nos valores e vivências familiares contemporâneas, ou seja, carinho, amor, companheirismo e respeito. A conjugalidade homoafetiva passa a ter evidência a partir dos estudos das novas configurações familiares, nas quais há o reconhecimento do casal homoafetivo como unidade conjugal. Esta conjugalidade, a partir da modernidade, passa a pressupor a constituição da intimidade afetiva entre os parceiros, destacando-a como condição para uma relação fundamentada na complementaridade entre os homossexuais (SILVA, 2010).

Entende-se por união homoafetiva, a união entre duas pessoas do mesmo sexo biológico que se relacionam de forma afetiva e sexual. Dessa maneira, entende-se família como um modelo em constante construção e com diferentes arranjos, e dentre estes, encontramos o arranjo familiar da união de duas pessoas do mesmo sexo (FARIA, 2008).

Homoafetividade compreende não só a relação sexual entre os parceiros, como também a existência de elos mais intensos como o do afeto. Isto faz diferença no sentido de que sexo por si só é mais arcaico e primitivo do que as relações amorosas e afetivas, que são mais elaboradas. Geralmente, a discriminação da sociedade não se apresenta nas relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, mas fica evidente quando envolve a questão sexual (ANTON, 2012).

Embora algumas pessoas acreditem que, apesar de suas diferenças biológicas, homens e mulheres são essencialmente os mesmos, Buunk, Massar e Dijkstra (2006) escrevem que de acordo com a psicologia evolutiva homens e mulheres não só têm corpos diferentes, como também têm mentes diferentes. Estes autores referem que Buunk e Dijkstra (2001) e Dijkstra e Buunk (2002), em estudos realizados, mostraram que há diferenças na expressão de ciúme entre homens gays e mulheres lésbicas, ou seja, as lésbicas mostraram mais ciúme quando expostas a uma rival fisicamente atraente em comparação com uma ri-



val fisicamente menos atraente. Os homens gays expressam mais ciúme quando expostos a um rival com características de alta dominância do que em relação a um rival em baixa posição dominante, especialmente se o rival tiver uma aparência física pouco atraente.

A tendência para a fusão é um traço frequentemente presente na relação homoafetiva feminina, diluindo a fronteira entre o self e o outro, fazendo com que o sentimento de união sobrepuja o de separação. Esta característica pode levar à entropia da relação, que pode ser vista sob dois aspectos: primeiro, ressalta a valorização da relação emocional e a abnegação das mulheres, e segundo, o retraimento das fronteiras conjugais e o autocentramento na díade (BRANDÃO, 2012).

Muitas vezes no relacionamento os parceiros gays sentem as diferenças individuais mais como ameaça do que como fonte de celebração. É importante que os casais pensem sobre o significado do conceito de diferença, entendendo-a como enriquecimento e alento, estímulo e força, e também como algo a ser venerado. Desta forma talvez, os parceiros possam reduzir o temor que envolve a diferença, temor esse que também pode ser sentido com as amizades fora da relação, objetivos e interesses, e principalmente a ameaça à intimidade do relacionamento (PAPP, 2000).

De Cristóforis (2009) coloca que para compartilhar uma vida de casal, é preciso ter aprendido a conviver de forma adequada com a solidão. Se existe uma dependência emocional muito forte pelo outro, e não é possível encontrar-se só em nenhum momento, provavelmente o casal terá muitos conflitos, uma vez que para estabelecer uma boa relação e um bom vínculo amoroso é necessário que nenhum dos membros do casal invada o outro com demandas excessivas.

É possível para esses casais proteger a integridade da relação e evitar a ruptura do vínculo?

Quando casais estão em crise, geralmente se envolvem em disputas de poder e os cônjuges podem tornar-se emocionalmente reativos. Ao não saber lidar com as próprias respostas emocionais ou não



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

saber como aproximar-se do outro, os cônjuges passam a se retrair ou ter reações como ciúme, posse, crítica e raiva, e conseqüentemente, isso ativa sentimentos de dor e decepção. Pode ocorrer que durante esse processo os cônjuges sintam-se mais distantes e insatisfeitos, tanto um com o outro como também com a relação. As dinâmicas de poder podem tornar-se tóxicas ao casal, quando estas adquirem a forma de comportamento baseado na humilhação, dominação e desprezo ao outro, muitas vezes evoluindo para violência, abuso e intimidação. Percebe-se que na base desse comportamento existe um profundo desejo de ser ouvido, compreendido e validado pelo cônjuge. Através da terapia de casal, os cônjuges podem aprender a desenvolver um antídoto para esse processo negativo, o qual possibilita o empoderamento relacional de ambos, incluindo a capacidade de regular o próprio mundo interno, de melhorar a si mesmo, ao invés de tentar melhorar o cônjuge, de tomar decisões reflexivas frente ao conflito e relacionar-se com o outro com empatia, respeito e generosidade. Isso possibilita ao casal sentir que esses novos comportamentos podem torná-los pessoas melhores, e ao mesmo tempo, proteger e cuidar da relação, aumentando a sensação de eficácia e esperança, com um sentido de responsabilidade mútua pelo vínculo. Quando as emoções são vivenciadas como algo manejável as pessoas podem sentir-se mais seguras (FISHBANE, 2011).

Visando a manutenção, a satisfação e a estabilidade da relação conjugal, Fishbane (2011) ressalta ainda a importância de trabalhar na terapia de casal, dentre outros, aspectos relacionados a:

- diferenciação de si mesmo - isso implica em moderar e matizar as próprias estratégias da infância, como também abordar e resgatar temas relacionados às famílias de origem. Identificar e manejar as antigas feridas da infância pode tornar os cônjuges mais resolvidos com respeito a si mesmos e com sua família de origem, deixando-os mais competentes para viver o relacionamento conjugal;
- capacidade de se comunicar de forma efetiva com o cônjuge - falar de seus sentimentos, crenças e necessidades de uma forma que demonstre preocupação pelo outro e pela relação, observan-



do o tom de voz, limites e abertura referente ao ponto de vista do outro;

- capacidade de ouvir o outro - para que a comunicação possa fluir é necessário não apenas ouvir o que o cônjuge diz, mas sim procurar entender e sentir o que está sendo exposto;
- enfrentar o conflito ao invés de ficar indiferente- isso significa que cada casal precisa aprender como reduzir a inundação emocional ocasionada pelo conflito. Pode ser útil negociar com o cônjuge uma pausa no momento do conflito, para recuperar a regulação fisiológica e a calma, e depois retomar um diálogo mais produtivo e eficaz;
- refletir o que cada um poderia ter feito diferente - rever a própria conduta após uma discussão a fim de identificar comportamentos reativos ou defensivos, e assim poder evitar que se repitam em nova situação conflituosa;
- a responsabilidade mútua de cuidar da relação - aprender a aceitar e trabalhar as diferenças individuais, desenvolvendo respeito mútuo, percebendo que na relação conjugal não existe ganhador e perdedor, mas sim que ou os dois ganham ou os dois perdem;
- empatia - estimular o casal a desenvolver a empatia mútua, pois isso os ajuda a sentirem-se mais seguros e conectados, bem como validados. Quando o casal consegue falar sobre suas vulnerabilidades, as defesas são desativadas e aumenta a empatia;
- culpar e sentir-se culpado - auxiliar o casal a tomar consciência que o jogo de culpar-se mutuamente diminui o empoderamento relacional e evita que cada cônjuge tenha uma conduta diferente frente aos seus próprios instintos culpabilizadores;
- desculpar-se - ao desenvolver essa ferramenta os cônjuges aprendem a assumir a sua parcela de responsabilidade na discussão e pedir desculpas, tornando a relação mais madura e estável.



Considerações finais

É muito comum na prática clínica de atendimento de casais percebermos a dificuldade que cada cônjuge tem de assumir e aceitar a sua responsabilidade individual frente às dificuldades conjugais. A tendência geralmente, é que cada cônjuge culpe e responsabilize o outro parceiro, estando convicto de que o outro é a principal causa da dificuldade que estão passando. Cada cônjuge tem muito poder para mudar a si mesmo, porém pouco poder para mudar o parceiro (WE-EKS; TREAT, 1992).

Quando as pessoas casam, se convertem em uma nova unidade social, um sistema conjugal, que não é simplesmente a soma de duas partes ou personalidades, com suas esperanças e necessidades, mas sim, uma nova e distinta entidade em que o todo é mais do que a soma das partes. Cada cônjuge abrigará um conjunto de expectativas a respeito do outro e da relação, como também, cada um estimulará no outro algumas manobras defensivas e de autoafirmação. Estas por sua vez, auxiliam a atingir os propósitos e objetivos acertados mutuamente, os antagonísticos, e também os que pertencem ao contrato individual de cada cônjuge e que geram conflitos internos e ambivalentes (SAGER, 1997).

Alguns casais conseguem desenvolver formas criativas e efetivas para enfrentar e resolver seus temores, inseguranças e vulnerabilidades ao longo da convivência, e outros não. Os casais mais efetivos tendem a ver o ciúme como parte do amor e muitas vezes como um sinal de alerta de que alguma conexão sexual ou afetiva se perdeu, e que é necessário reforçar a importância de um cônjuge para o outro. Pasini (2003 Apud SCHEINKMAN; WERNECK, 2010) diz que o ciúme pode ser afrodisíaco quando um parceiro o provoca no outro para reestabelecer sua atenção, e ao mesmo tempo sabe acalmá-lo. O parceiro ciumento pode se desculpar por ter feito uma cena, e atuar de um modo sexualmente apaixonado, reforçando o vínculo entre eles. Em contrapartida, aquele que provocou o ciúme pode readequar seu comportamento a fim de aliviar as inseguranças do outro. Mas, quando o casal não consegue abordar seus sentimentos através da perspectiva do que é bom para a



relação, o ciúme passa velozmente do temor da perda da pessoa amada a esforços prejudiciais em recuperar o poder e o controle.

Por intermédio da terapia de casal realizada com estes dois casais homoafetivos, percebemos alguns pontos que interferiram diretamente na díade conjugal e intensificaram os conflitos. Encontramos cônjuges com intensas expectativas em fazer a relação dar certo, porém com muita dificuldade em aceitar o outro como ele é. Na relação amorosa dos dois casais percebe-se muita insegurança e falta de confiança em si e no outro, mesclado com sentimentos de ciúme, controle e posse. Os cônjuges, em geral, mostram necessidade em moldar o outro na busca de um fusão quase que total; movimento este que ocasiona uma sensação de indiferenciação muito grande, tanto que em várias situações os cônjuges verbalizaram não se reconhecerem mais como indivíduos, e que as relações anteriores não eram assim.

O contexto contemporâneo, percebido como um campo de várias possibilidades é considerado arriscado no ciúme, pois a relação é sentida como salvadora e ao mesmo tempo como responsável pela ampliação do temor e da angústia. Assim, é compreensível que algumas pessoas busquem sua segurança a partir do exercício de um controle em que o ciúme possa garantir a sua relação, ou pelo menos é assim que pensam aqueles que agem dessa maneira. Para quem pensa assim, o ciúme pode ser considerado como uma resposta razoável diante do risco iminente de que qualquer coisa pode acontecer por não haver mais a proteção do amor eterno do passado. Ao mesmo tempo em que se tenta fazer de si uma sombra para o outro, perde-se a liberdade e a espontaneidade, comprometendo a diferença e a individualidade dos parceiros envolvidos na relação. Esse comportamento auxilia na construção de um relacionamento em que não se é mais ninguém sozinho, tornando-se dependente e indissolúvelmente colado ao outro, totalmente contrário à liberdade e fluidez que assinalam a experiência amorosa contemporânea (BARONCELLI, 2011).

Quando o ciclo da vulnerabilidade se instala no casal e aparece o ciúme, destaca-se a desconexão entre o sofrimento de cada cônjuge e



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

as posições defensivas que utilizam para suportar essa dor. Essas estratégias de autoproteção de cada um são responsáveis pela manutenção do casal num círculo de retroalimentação, uma vez que seus sentimentos mais vulneráveis continuam escondidos e os cônjuges se distanciam cada vez mais (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

Em contrapartida, o outro cônjuge sente-se muito sufocado, sem espaço para se constituir enquanto indivíduo, e a conjugalidade transforma-se num pequeno casulo onde cabe apenas o casal, e a relação passa a ser o único nutriente para ambos os cônjuges. O parceiro ciumento sente-se sem poder e incapaz de confiar, e o outro, sente-se acanhado e cercado (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010). Para que as relações amorosas contemporâneas se mantenham saudáveis, será necessária uma dose de vigilância e defesa. Nos relacionamentos permeados pelo ciúme essa vigilância e defesa expressam-se mais no sentido de autoproteção de uma situação ameaçadora, do que no necessário monitoramento emocional da relação amorosa (BAUMAN, 2004)

A falta de clareza entre a intimidade e a fusão torna-se um dilema presente nos relacionamentos. Bowen (1978 Apud CARTER; MCGOLDRICK, 1995), refere que os casais precisam do complemento um no outro, uma vez que não lhes foi possível resolver seus relacionamentos com seus pais, fato este que os libertaria para construir novas relações a partir da liberdade de cada um ser ele próprio e poder apreciar o outro do jeito que ele é. Carter e McGoldrick (1995) complementam afirmando que as situações que o casal não resolveu com suas famílias de origem poderão interferir na escolha do cônjuge e na aquisição de um equilíbrio adequado na relação. Isto pode ocorrer porque no casamento os cônjuges instituem um estilo de engrenagem de se relacionar, visando atender suas necessidades individuais, como também blindar e preservar o relacionamento. Esta situação passa a ser um problema quando ocorre falta de diferenciação dos parceiros, sendo que o grau de indiferenciação, geralmente é determinado pelas mensagens intergeracionais que foram internalizadas pelo indivíduo desde muito cedo no ciclo de vida e que passam a fazer parte do conjunto interacional da pessoa (WEEKS; HOF, 1987).



Quando se fala em conjunto intergeracional, é preciso também considerar as mensagens transgeracionais, ou seja, as passadas de geração em geração e que também fazem parte da constituição do indivíduo, e consequentemente estão presentes na díade. As famílias de origem passam a ser o pano de fundo das relações conjugais do novo casal e segundo Andolfi (2002), conviver com mudanças de um lado e velhos estereótipos de outro, arraigado ainda em uma quimera idealizada e conservadora da formação do casal colaboram para intensificar a confusão e propiciam um processo de progressão da fragmentação familiar.

Evidencia-se como a família de origem desses casais homoafetivos, principalmente de um dos cônjuges, está intrincada na relação conjugal, como se esta relação se desse a três: um cônjuge, outro cônjuge e a família de origem de um deles. Sempre e em qualquer díade o processo emocional é instável e, considerando que as necessidades ambivalentes entre autonomia e dependência suscitam ciclos alternados de aproximação e distanciamento, é muito comum a formação de um triângulo. No estudo desses casais homoafetivos fica claro a utilização de triângulos, especificamente formados por Luiza e por Alan com suas famílias de origem. Esses triângulos podem ser entendidos como a solução para a ansiedade e a externalização do conflito uma vez que discutir a interferência das famílias de origem pode intensificar o conflito, mas também evita e mascara questões internas do casal (GUERIN et al.,1987). Nesse sentido, manter acesa uma relação conjugal ao longo do tempo, requer mais comprometimento e exige o abandono de uma intimidade fusional para descobrir o espaço de cada indivíduo, e a partir daí então, formar duas unidades capazes de dialogar de forma coerente e duradoura. Desta maneira será possível realizar a união entre dois mundos familiares que compartilham um caminho comum (ANDOLFI, 2002).

De Cristóforis (2009) cita o sociólogo francês Serge Chaumier e o seu livro *El nuevo arte de amar* para referir que cada vez mais os integrantes de um casal pedem espaços individuais e negam-se a viver projetado um no outro. Da mesma forma, existe a necessidade de um espaço para relacionarem-se com seus amigos pessoais e não somente com os amigos do casal. Segundo Chaumier, esse comportamento re-



Capítulo 5 - Conjugalidade homoafetiva: construção e possíveis sentimentos...

nova o casal, pois os dados demonstram que a paixão amorosa termina antes nos casais que vivem fechados em si mesmos, sem contatos com o exterior.

É verdadeiro que os opostos se atraem numa busca inconsciente de estabilidade ou de realização por complementaridade, mas também é verdade que os opostos transformam a relação, tornando-a árdua e desgastante no momento que um passa a desaprovar o que, para o outro, é razão de alegria, ou quando as diferenças geram inveja, medo da perda e ensaios constantes de restrições ao par. É necessária certa harmonia entre os valores e objetivos dos parceiros, uma vez que sua impossibilidade ocasiona muitos ressentimentos e intensifica o afastamento dos cônjuges. Mesmo que os opostos se atraiam, o que solidifica o elo são as afinidades (ANTON, 2012).

Aprender a lidar com sentimentos de vulnerabilidade e risco com relação à pessoa amada é imprescindível quando se está numa relação amorosa. Enfrentar o fato de que é possível perder a pessoa amada, que não se tem controle sobre suas ações e sentimentos, e ao mesmo tempo, confiar que pode contar com ela não é uma tarefa muito simples. Para sustentar uma relação ao longo do tempo é necessário manejar estas contradições existenciais do amor adulto, dando conta dos medos e vulnerabilidades de maneira que não prejudiquem a relação (SCHEINKMAN; WERNECK, 2010).

Não é nossa pretensão esgotar esse assunto, mas sim, abrir mais um espaço de discussão, ressaltando a necessidade de se ter mais conhecimento científico sobre a conjugalidade homoafetiva, sua construção e a gama de sentimentos envolvidos nessa relação. Torna-se fundamental compreender esses novos arranjos conjugais e familiares, bem como perceber que representação eles têm na relação amorosa e entender quais fatores são construídos pelo próprio casal para a criação de condições que assegurem o seu bem-estar físico e emocional.

O debate contemporâneo sobre conjugalidade homoafetiva é um elemento importante para a compreensão do lugar que ocupa a



diáde homossexual em nossa sociedade segundo Silva (2010), uma vez que traz a ideia de relacionamento estável, e independente do gênero, a experiência de viver a dois continua sendo uma arte.

Referências

ANDOLFI, M. **A crise do casal**: uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BARONCELLI, L. Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 23 n. 1, p.163-170, 2011.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar-, 2004.

BRANDÃO, A. M. Entre mulheres: gênero e representações das relações íntimas. **Ex aequo**, n. 25, 2012-, Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 nov. 2013.

BUUNK, A. P., MASSAR, K. & DIJKSTRA, P. **Automatically evaluating one's romantic rivals**: toward a social cognitive evolutionary approach of jealousy. 2006. Disponível em: <http://www.sydney-symposium.unsw.edu.au/2006/Chapters/rivalaus.con.doc>. Acesso em: 01/12/2014.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: ____ **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 184-205.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética do profissional psicólogo**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2005.



DATTÍLIO, F. M. **Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e famílias**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DE CRISTÓFORIS, O. Amores y parejas hoy. In: ____ **Amores y parejas em el siglo XXI**. Buenos Aires: Letra Viva, 2009. p. 203-265.

FARIA, C. B. M. **União homoafetiva e conjugalidade**: a construção social de novos arranjos familiares. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008.

FARIAS, M. O. Myths attributed to homosexual people and the prejudice related to homosexual conjugality and homoparenthood. **Revista de Psicologia da UNESP**, v.10, n. 1, p.104-115, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidades contemporâneas**: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em 02/08/2013.

FISHBANE, M. de K. Promover el empoderamiento relacional em terapia de pareja. **Family Process**, v. 50, n. 3, p. 337-355, 2011.

FRANÇA, M. R. C. Famílias homoafetivas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v.17, n.1, p. 21-33, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 22/12/2014.

FUKS, S. I. A intimidade nas relações de casal: desafios para a criação de mundos singulares na pós-modernidade. **Pensando Famílias**, v.11, n. 2, p.11-30, 2007.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2002.

GROISMAN, M. **O código da família**: mandamentos que devem reger as relações familiares. Rio de Janeiro: Núcleo-Pesquisas, 2011.



GUERIN et al. Triangles. In: ____ **The evaluation and treatment of marital conflict**. New York: Basic Books, 1987. p. 61-82.

GUERRESCHI, C. **New adiccions**: as novas dependências. São Paulo: Paulus, 2007.

IM, W. R.; WILNER, R. S.; BRETT, M. Jealousy: interventions in couples therapy. **Family Process**, v. 22, n. 2, p.211-219, 1983.

LORIEDO, C.; STROM, P. Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In: ANDOLFI, M. (Org). **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 123-138.

MIELNICK, I. **O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender as crianças**. 8.^a ed. São Paulo: IBRASA, 1920.

MILLER, M. V. **Terrorismo íntimo: a deteriorização da vida erótica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PAPP, P. **Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAGER, C. J. El contrato de interacción. In: ____ **Contrato matrimonial y terapia de pareja**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997. p. 30-53.

SAGER, C. J. Empleo de los contratos em terapia. In: ____ **Contrato matrimonial y terapia de pareja**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997. p. 54-63.

SCHACHNER, D. A.; SHAVER, P. R.; MIKULINGER, M. Teoria do apego adulto, psicodinâmica e relações conjugais: uma visão geral. In: ____ **Os processos do apego na terapia de casal e família**. São Paulo: Roca, 2012.

SCRIBEL, M.; SANA, M. R.; DI BENEDETTO, A. M. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. **Revista Brasileira de Terapias**



Cognitivas, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14/11/2013.

SCHEINKMAN, M.; WERNECK, D. Desactivar los celos en las relaciones de pareja: un enfoque de múltiples dimensiones. **Family Process**, v. 49, n. 4, p. 486-504, 2010.

SILVA, A. V. Parcerias homoafetivas na região metropolitana do Recife: arranjos e práticas cotidianos. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: OLHARES DIVERSOS SOBRE A DIFERENÇA, 3, 2011, João Pessoa. [Anais...]. João Pessoa: UFPB/UEPB, 2011. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero>. Acesso em: 02/08/2013.

SILVA, A. **Viver a dois é uma arte?** Um estudo antropológico da homoconjugalidade masculina. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/viver-a-dois-e-uma-arte-um-estudo-antropologico-da-homoconjugalidade-masculina>. Acesso em: 10/11/2013.

SOUZA, M. O. M.; OLIVEIRA, F. S. **Um olhar psicanalítico ao ciúme entre os casais da contemporaneidade**. 2012. Disponível em: http://www.fio.edu.br/cic/anais/2012_xi_cic/PDF/Psicologia/01.pdf. Acesso em: 23/11/2014

UZIEL, A. P. et al. Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. **Horizontes Antropológicos**, v.12, n. 26, p. 203-227, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0104-71832006000200009. Acesso em: 23/11/2013.

ZIMERMAN, D. E. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Art-med, 2010.

WALSH, F. Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? In: ANDOLFI, M. (Org), **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-re-**

lacional. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 13-28.

WEEKS, G. R.; HOF, L. Systematic treatment of inhibited sexual desire. In: ____ **Integrating sex and marital therapy**. New York: Brunner/Mazel, 1987.

WEEKS, G. R.; TREAT, S. Orienting couples to therapy. In: ____ **Couples in treatment: techniques and approaches for effective practice**. New York: Brunner/Mazel, 1992.

